

**DOS MODOS DE APRENDER AS ESTRATÉGIAS DE ENSINAR:** reflexões  
sobre metodologias ativas como auxílio para a construção do conhecimento

*Claudio Everson da Silva e Souza\**

*Carlos Alberto Vicchiatti\*\**

A recorrência do discurso da culpabilização do aluno por sua incapacidade de aprender é algo perceptível nos mais diversos contextos relacionados às situações de ensino-aprendizagem. Isso é, tanto no ensino básico quanto no ensino superior observa-se uma tendência ao descontentamento acerca do desinteresse do aluno, bem como da ineficácia de sua capacidade de autonomia, reflexão e criatividade. Visto dessa forma, propomos, neste estudo, uma reflexão acerca da possibilidade/necessidade de se promover uma inversão no modo de conduzir as estratégias de ensinamento, objetivando descentralizar a figura do professor da condição de “aquele que ensina” para aquele que “auxilia na construção do conhecimento”, sobretudo, no contexto do Ensino Superior. Parte-se do princípio de que essa atividade é orientada pela escolha de metodologias de ensino que coloquem o aprendiz no vetor da relação de ensino-aprendizagem. Nosso percurso de reflexão é orientado, inicialmente, pela tentativa de, tal como propõe a professora Léa das Graças Anastasiou em *Estratégias de Ensino* (2005, p. 69), discutir possíveis encaminhamentos para responder à questão “qual o objeto do trabalho docente?”.

Considerando-se que o trabalho do professor é essencialmente o de promover a apropriação do conhecimento pelo aluno, a questão subsequente que emerge é “como conduzir o ensino de forma que haja efetivamente a aprendizagem?” Nesse sentido, considera-se fundamental que o professor se afaste de metodologias de ensino centradas na intenção de inculcar no aprendiz uma tendência à repetição e à memorização, por vezes inócua, de conteúdos, sem a consciência de que operações cognitivas sejam relevantes a partir da informação memorizada. Logo, compreende-se que o

---

\* Acadêmico da pós-graduação lato sensu em Metodologias Ativas da Faculdade Alfredo Nasser, em Aparecida de Goiânia, em setembro de 2019. E-mail: claudio@unifan.edu.br

\*\* Pós-Doutor em Comunicação, Doutor em Comunicação e Semiótica, Mestre em Educação Superior, Jornalista, Avaliador do MEC desde 2002, Gestor Educacional desde 1990 e Professor Universitário desde 1992.

direcionamento que garante uma aprendizagem significativa depende primordialmente da escolha feita pelo professor de uma metodologia de ensino que coloque o aluno como ativo nesse processo.

Ao longo da história do pensamento educacional diversas metodologias foram sendo construídas e cada uma delas obteve sua relevância em função de um conjunto de elementos, influenciando diretamente as práticas escolares. Segundo o pesquisador José Moran (2018, p. 4), as metodologias são “diretrizes que orientam os processos de ensino e aprendizagem, que se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas e diferenciadas”. Tão importante quanto o conteúdo a ser ministrado é a forma de fazê-lo, isto é, aquele que se lança a ensinar deve agir como “um verdadeiro estrategista”, demonstrando capacidade de “estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento” (ANASTASIOU, 2005, p. 69).

Como estratégia de ensino pautada na busca por promover auto-conhecimento, determinação, curiosidade, responsabilidade, criatividade, motivação e autonomia no processo de aprender, o Aprendizado Baseado em Problemas (ou *Problem Based Learning* – PBL) tem alcançado espaço significativo, sobretudo nas faculdades de Medicina, desde a década de 1960, como uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. Essa técnica de ensino, conforme explicam os professores Tibério, Atta e Lichtenstein (2003, p. 78), baseia-se na “teoria racionalista de conhecimento, segundo a qual o conhecimento dos fatos é primariamente um produto da nossa capacidade de pensamento e, portanto, de dedução”. Compreende-se, nesse caso, que “o sistema cognitivo humano procura estabelecer coerência na aquisição de conhecimentos e, ao entrar em contato com algo novo, ativa conhecimentos prévios, elabora e organiza dentro de um contexto”.

O professor, nessa perspectiva, assume o papel de tutor, que procura estruturar os problemas a serem resolvidos conjuntamente, em blocos temáticos, priorizando uma aquisição de conhecimento mais ativa de tal forma que o aprendiz assume a responsabilidade de promover o embate entre a informação nova e os conhecimentos acumulados. Assim, o avanço do PBL em relação aos métodos tradicionais de ensino diz respeito ao fato de que, se o problema é bem construído pelo tutor, o aluno será capaz de: resgatar conhecimentos armazenados na memória; (re)formular objetivos de

estudos e aprendizagem, instigando questionamentos científicos; intensificar os conhecimentos interdisciplinares, despertando o interesse por aprendizados diversos, de acordo com o encorajamento resultante do autoaprendizado.

Tendo em vista o contexto mais específico do Ensino Superior e considerando-se o fato de que a emergência e a proliferação das tecnologias digitais têm ocupado espaço significativo na vida dos jovens estudantes, a decisão por uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem é imprescindível. Entende-se, pois, que a utilização de estratégias de ensino que priorizem a autonomia do aprendiz é preponderante para garantir a potencialização do aprendizado e, por conseguinte, uma formação mais completa do profissional que objetiva ocupar posições mais relevantes no competitivo mercado de trabalho. Cabe, então, ao professor atentar-se para o fato de que, em uma sociedade altamente conectada, em que o acesso à informação é bastante facilitado, os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelo professor, já não encontram terrenos profícuos.

Nesse sentido, os argumentos do professor José Moran em *Mudando a educação com metodologias ativas* são categóricos:

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras possibilidades de mostrar sua iniciativa. (MORAN, 2015, p. 17)

Quando é proporcionado ao aluno a possibilidade de vivenciar, nas situações de ensino-aprendizagem, problemas mais próximos da realidade, ele se acostuma a ser protagonista do processo de aprender, tem o controle do próprio aprendizado durante todo o processo e propõe encaminhamentos que visem à solução dos problemas. Com isso, desenvolve a habilidade de trabalhar, partilhar e compartilhar em equipe de forma autônoma e responsável. Tais habilidades são cada vez mais requeridas aos profissionais e, nesse ínterim, as instituições, imbuídas da tarefa de formá-los, devem priorizar a utilização de metodologias que os tornem ativos na concepção da aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P.(Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, UNIVALLE, 2003. p. 11-38.

MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. PG Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em [http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf).

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda**. In: MORAN, José; BACICH, Lilian (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

TIBÉRIO, I. F. L., ATTA, J. A., LICHTENSTEIN, A. **O aprendizado baseado em problemas - PBL**. Rev Med., São Paulo: 2003. jan.-dez.; p. 78-80.